

Roger Waters agradece vaias em SP e diz que Bolsonaro é corrupto e insano

Thales de Menezes

Folha de S.Paulo, 19.out.2018

Músico afirma que boicotaria o Brasil em defesa da democracia caso candidato seja eleito, como faz com Israel

O músico inglês Roger Waters, 75, está no meio de sua turnê pelo Brasil. Seu show espetacular, que reúne alguns dos maiores hits do Pink Floyd, banda que liderou dos anos 1960 ao início da década de 1980, agora segue sob o espectro do confronto do artista com parte de sua plateia.

Ao exibir #EleNão no telão do gigantesco palco montado no Allianz Parque, em São Paulo, no último dia 9, na estreia da turnê no país, ele recebeu mais vaias do que aplausos e inseriu sua figura na discussão polarizada do segundo turno da eleição presidencial.

Com um show de caráter político, seu posicionamento contra o candidato Jair Bolsonaro (PSL) é mostrado em um contexto de imagens destinadas a condenar o avanço, em escala global, do que Waters chama de neofascismo.

Roger Waters



Os espetáculos seguintes, sem exibição da hashtag, receberam reações diversas. Na segunda noite paulistana, no dia 10, houve protestos do público, com faixas ofensivas abertas na arquibancada. Em Brasília, no dia 13, novamente uma plateia dividida, alternando vaias e aplausos.

Em Salvador, na última quarta (17), Waters teve sua recepção mais positiva. Exibiu no telão imagem do mestre de capoeira Moa do Katendê, morto no dia 7 deste mês, após uma discussão sobre política partidária.

No show desta quarta (24) no Rio de Janeiro, é esperada uma homenagem a Marielle Franco, vereadora assassinada a tiros na cidade no dia 14 de março, junto com o motorista Anderson Gomes, em crime ainda não solucionado.

Na sexta (19), a **Folha** entrevistou Roger Waters. Encontrou o músico solitário no bar do hotel em que está hospedado em São Paulo, tocando piano enquanto aguardava o início da conversa.

Nos intervalos dos shows em sete cidades brasileiras, ele cumpre agenda de encontros, muitos relacionados a seu ativismo na campanha BDS (Boicote, Desinvestimento e Sanções), que ele defende desde 2006, apoiando boicote econômico, cultural e político a Israel —uma tentativa de pressão pelo fim da ocupação de territórios palestinos.

Na conversa, Waters disse que a reação barulhenta em São Paulo foi importante ao chamar atenção para o debate político proposto em sua turnê. Agradeceu ao público paulistano e sustentou suas pesadas críticas a Bolsonaro.

Depois de quatro shows no Brasil, com mais quatro ainda a cumprir, você avalia que a vaia recebida em São Paulo afetou a turnê?

O melhor da reação que nós recebemos em São Paulo na primeira noite, quando projetamos #EleNão no telão, é que esse show está na estrada desde maio de 2017, por todo o mundo, mas poucas pessoas tinham entendido o que é tudo isso.

A reação do público chamou atenção para o que estou tentando dizer nesta turnê, sobre como os direitos humanos necessitam da cooperação de [cidadãos] uns com os outros. É disso que a turnê "Us & Them" fala. Viajamos pelo mundo tocando canções, mas há uma mensagem particular. E essa mensagem se fez presente em São Paulo, gerando controvérsia, porque o país está claramente dividido.

Você já tinha uma compreensão dessa divisão?

Há uma separação severa no mundo entre ricos e pobres, não só no Brasil, mas aqui é muito forte. Quando você anda por São Paulo, você vê casas bonitas e ricas cercadas por grades de metal, com guardas vigiando-as e centenas de câmeras. Dali a cem metros, você vê pessoas morando sobre papelão molhado, na sarjeta.

Esses caras foram prejudicados, claro, mas não por Lula ou por Dilma, ou quem quer que seja. Eles foram prejudicados pelo neoliberalismo, pelo mercado livre mundial, que não regula as oportunidades para os indivíduos.

É contra isso que eu levanto minha voz. Viajando pelo mundo, fica claro para mim que o problema fundamental está no desrespeito aos direitos humanos. O mundo é organizado por oligarquias e corporações, que deixam uma mínima fatia das pessoas numa situação sadia.

Então eu digo "Obrigado, São Paulo", obrigado às pessoas que fizeram aquele barulho. Lamento que vocês estejam brigando uns contra os outros, discutindo coisas fundamentais sob a ótica de alguém como Bolsonaro. O que ele fala não deveria ser assunto para nenhuma argumentação em qualquer lugar do mundo. Mas é uma coisa real e assustadora.

Às vezes você faz turnês em locais com problemas graves e evidentes, como é o caso no Brasil agora, no período das eleições. Você tenta se informar sobre a situação local antes de ir? Há pessoas que pesquisam essas informações para você?

Eu não tenho ninguém que faça essas pesquisas para mim. Tento conversar ao máximo com as pessoas dos locais que visito. É difícil, mas tento educar a mim mesmo sobre a situação, prestando atenção a tudo.

Minutos atrás tive uma conversa com um jovem sobre eventos da BDS dos quais participei no Brasil e na América do Sul. E perguntava a ele especificamente sobre Lula e a corrupção, sobre o encarceramento do ex-presidente e o impeachment de Dilma.

No resto do mundo, se você ler sobre isso na imprensa mainstream, vai encontrar coisas como "Oh, que tragédia! Um líder popular tão importante sucumbiu diante das tentações do poder e começou a roubar dinheiro do povo". Mas por que ele faria isso? Qual é a verdadeira história? É difícil seguir em frente sem essas informações.

Com quem você tem conversado no Brasil?

Com todos por perto. O chefe da minha equipe de segurança no Brasil conversa comigo e ele acredita que Bolsonaro é uma coisa nova na política e é incorruptível. Pergunto se ele está debochando de mim. Bolsonaro está na política brasileira há 30 anos e é totalmente corrupto! E é louco. Vingativo e insano.

Está claro que não vai fazer nada para romper com o sistema vigente. Ele vai acelerar ao máximo essa onda que está destruindo o mundo. Vai facilitar as coisas para quem está roubando dinheiro das pessoas pobres. Vai militarizar a polícia. Vai tornar tudo mais difícil para as classes trabalhadoras. Grito isso para quem quiser ouvir. É o que vai acontecer se esse cara for eleito.

Como convencer as pessoas de que os esforços delas podem valer a pena?

Quase todas as noites, nas minhas turnês, falo às pessoas que elas devem se fazer uma pergunta: "Por que devo acreditar em direitos humanos iguais para todos, respeitando nacionalidade, cor, sexo?".

É uma questão muito importante. Porque mesmo fazendo tudo o que podemos, talvez não seja o bastante. Eles estão destruindo o planeta o mais rápido que podem. Vendem armas para as pessoas, deixam que alguns roubem tudo dos outros.

Pessoas em alguns lugares do mundo são tratadas segundo uma política colonialista. Precisamos acreditar nos direitos humanos, iguais para todos. Acho que é mesmo uma questão de sobrevivência. Basta ler os jornais para ver que o planeta está sendo destruído muito rapidamente e, em alguns aspectos, de modo irreversível.

O ministro da Cultura do Brasil, Sérgio Sá Leitão, disse nesta semana que está "de saco cheio" de manifestações políticas em shows. Como você reage a essa declaração?

Esse cara está no emprego errado, tem de achar um novo trabalho. Não sei o que ele faz, mas não deveria estar numa posição de poder sobre questões culturais se dá uma declaração dessas. Porque cultura inclui música, e ela pode expressar muito da condição humana. Acho que ele deveria renunciar.

Você acredita que um show de rock pode ser um momento que muda a vida de uma pessoa?

Claro que pode, mas nada faz um show de rock ser especial nesse sentido. Qualquer momento na sua vida pode ser aquele instante transcendente.

Veja a essência transcendental do amor romântico. Se você tiver a sorte de se apaixonar, por uma mulher ou um homem, o gênero é irrelevante, você vai desatar amarras no seu

coração que podem deixá-lo aberto a mudanças, não apenas em relação ao seu amor, mas em relação a tudo. Mas um show de rock tem força, apesar do que seu ministro da Cultura diz.

Você vai tocar um dia antes do segundo turno da eleição, em Curitiba, e em seguida fará a última apresentação da turnê brasileira em Porto Alegre, dois dias depois de a votação ser decidida. O que espera nesses shows?

Não tenho ideia. Essa eleição é muito importante. Na Alemanha, elegeram Hitler como uma coisa nova na política. "Nós precisamos desse cara!" Sério? Mesmo?

Você voltaria ao Brasil para fazer uma turnê durante um eventual governo de Bolsonaro?

Essa é uma pergunta muito boa... Por que não vou a Israel? Porque os palestinos oprimidos não querem que eu vá. Eu espero que, dependendo do resultado da eleição, os brasileiros não queiram que eu volte até que a democracia retorne ao país.

A democracia pode ser retirada de modo tranquilo ou violento neste grande país. Espero que não aconteça como em 1964, para retornar 21 anos depois. É preciso lutar contra o fascismo e o totalitarismo de qualquer maneira. Se isso acontecer aqui, vou continuar meu ativismo, fazendo o possível para ajudar a reverter isso.